

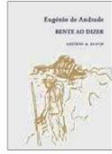


### OS FALSÁRIOS

**Bradford Morrow**

Clube do Autor, 2017, trad. de Eugénia Antunes, 264 págs., €17  
Romance

“É necessário uma grande dose de verdade para contar uma mentira.” O narrador é um falsário com créditos firmados no exclusivo mercado de livros antigos, primeiras edições e manuscritos autógrafos. Especialista em Conan Doyle e outros autores de época, prossegue uma carreira discreta mas proveitosa. Desde miúdo que a habilidade para forjar caligrafias alheias não parou de se apurar. “Que sucedera à palavra ‘forjar’ para ter adquirido um sentido tão pejorativo?”, pergunta-se. “Quando é que a virtude deixara de fazer parte daquela bonita e vetusta palavra? Quando é que evoluiu para um termo depreciativo que sugeria defraudar, contrafazer, falsificar?” A verdade é que se considera um artista, não um mero imitador ou falsário. A realidade confundia-se nele na ilusão de criar obras de arte, para seu único deleite, e proveito. O problema é que havia quem o considerasse um rival, e uma ameaça. Num submundo feito de “homens das trapaçarias”, todo o cuidado era pouco. Aprendera com a mãe a usar “a mão do diabo”, e do pai recebera, além de uma valiosa coleção de primeiras edições, a genuína caneta do criador de Sherlock Holmes. Quando dava por finda uma obra, sentia nele uma espécie de êxtase, uma “aurora boreal da mente”. Apaixonado por uma livreira, esconde-lhe um segredo inconfessável. Depois da morte brutal do irmão dela, resolvem mudar de vida. A Irlanda parece um lugar seguro, mas a sua némesis não o larga, até um desfecho quase fatal. Num registo sereno, que esconde estranhas psicopatologias, o autor norte-americano leva, por letras cursivas, o narrador a uma conclusão: “Por um sinistro e fugaz momento, ocorreu-me que conseguira, de alguma maneira, tornar-me a minha melhor falsificação.” O nascimento de uma filha parece apaziguá-lo. “Com estes fragmentos escorei as minhas ruínas”, para citar T. S. Eliot. No entanto, nada está escrito na pedra. / JOSÉ GUARDADO MOREIRA



### RENTE AO DIZER

**Eugénio de Andrade**

Assírio & Alvim, 2018, 80 págs., €11  
Poesia

No prefácio a esta nova edição autónoma de “Rente ao Dizer” (1992), Federico Bertolazzi, académico italiano, autor de uma monografia sobre Eugénio de Andrade, integra o livro na terceira de três fases da obra do poeta. Uma primeira, dos anos 1940 até “Véspera da Água” (1973), consistiria na afirmação de uma linguagem e de uma mundividência: a contenção, a metáfora, o paganismo, a claridade. A segunda fase, marcada por um título como “Limiar dos Pássaros” (1976), tentaria superar a afasia (ou talvez a redundância) através da reescrita de poemas antigos e de incursões pelo poema em prosa. A terceira fase começaria com “Matéria Solar” (1980), e duraria até ao último livro, acentuando temas como a metalinguagem, o envelhecimento e a morte. Globalmente, “Rente ao Dizer” é uma colectânea mediana no cânone de Eugénio, mas nos melhores momentos demonstra de facto um rigor tocante, decantado pela idade. Do primeiro poema (“língua/ da água, da terra, da cal;/ materna casa da alegria;/ e da mágua;/ dança do sol e do sal;/ língua em que escrevo;/ ou antes: falo”) a um dos últimos (“não há terra/ de promessa/ fora do corpo; ou da palavra”), a noção dominante é a de que as palavras são o que nos resta quando o corpo já é coisa pouca. Daí os versos emotivos e secos, trabalhados, e a alusão a poetas tão diferentes quanto Dante, Blake, Whitman ou Montale. Uma intensa solidão assombra estes poemas, atenuada (ou sublinhada?) pela presença de um gato persa (que entretanto morre), ou de lóðãos e palmeiras que fazem companhia como se fossem amigos. O “duro desejo de durar”, como escreveu Éluard, manifesta-se em imagens que, sendo naturezas-mortas, contêm uma réstia de vida: os figos secos ao sol mas comestíveis no inverno, “o sol ainda verde dos limões”. E se o tom é intenso mas sóbrio, memórias de tempos mais ardentes levam a este pedido feito não se sabe bem a quem: “Dai-me outro verão nem que seja/ de rastos”. / PEDRO MEXIA

## Traços resgatados

Em fevereiro de 2016, a consciência da finitude deixou de ser uma abstração para António Jorge Gonçalves. Uma vela rebentara-lhe no estômago e durante 24 horas esteve clinicamente morto. Depois de recuperar, captou essa experiência-limite num livro fascinantemente estranho, quase sem palavras, uma espécie de teatro mental: “A Minha Casa Não Tem Dentro”. Era a sua forma de processar o indizível, de fixar essa aproximação ao apagamento definitivo. Outra das consequências foi um certo sentido de urgência. Afinal, o corpo deixou de ser um lugar seguro (é “algo que pode dar erro”), pelo que é preciso fazer as coisas agora, antes da incerteza do amanhã. Dessa urgência nasceu igualmente “Desenhos Efémeros”, um manifesto sobre a transitoriedade de tudo o que acontece para logo se perder. Durante anos, António Jorge Gonçalves desenvolveu e aperfeiçoou a arte do “desenho digital em tempo real”, para espetáculos de teatro, música e dança. Pela sua natureza, existe apenas durante aqueles momentos, em cena. Sobreviverá talvez na memória dos espectadores, mas é uma arte imediata, condenada à desapareição. Quem viu, viu; quem não viu, nunca saberá o que foi. “Desenhos Efémeros” oferece-nos, generosamente, a possibilidade de seguirmos o rasto desse trabalho volátil.

No texto de introdução, complementado por uma entrevista feita ao autor por Anabela Mota Ribeiro, Gonçalves explica como quis ultrapassar a

“rigidez” da cenografia tradicional, aproximando-se da “velocidade e impermanência dos atores”, através de um “fluxo” performativo de imagens, criadas com uma mesa digitalizadora Wacom, um computador portátil e um videoprojetor. Longe do traço perfeito a que aspira nos livros de BD, os seus desenhos dialogam com os ritmos e respirações do espetáculo, procurando uma “coreografia da mão” que tem como palco as superfícies onde se projeta a luz: paredes, teto, chão, fachadas, ou corpos. As dezenas de espetáculos que ilustrou digitalmente desde 2001 são todos revisitados e contextualizados, com abundantes fotografias. Há textos de cúmplices artísticos (Nuno Artur Silva, Carlos Pimenta, Rui Eduardo Paes) e um esforço de teorização (Pedro Moura). Muito exaustivo, este é um utilíssimo “documento de estudo” sobre uma gramática visual que pode inspirar “futuras práticas cénicas”. De resto, em paralelo com o lançamento do livro, estão previstas *masterclasses* do autor em escolas, bibliotecas e teatros, com vista a “partilhar o método” e a sua dinâmica performativa. / J.M.S.



### DESENHOS EFÉMEROS

**António Jorge Gonçalves**

Orfeu Negro, 2018, 334 págs., €27,99



Neste livro, A. J. Gonçalves documenta a sua arte da ilustração cénica em tempo real